

## **Transgeracionalidade, Perdas e Lugares de Subjetivações<sup>1</sup>**

### **Transgeneracionality, Losses and Places of Subjectivities**

**Fernanda Grendene<sup>2</sup>**

*“O valor das coisas não está no tempo em que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis”.*

*Fernando Pessoa*

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo um estudo teórico sobre transgeracionalidade, e será exemplificado por um caso clínico. Atualmente esse é um tema que vem sendo amplamente discutido e emergindo com vigor, dando um novo olhar e um novo entendimento à clínica. Na medida em que essa teoria vem se expandindo faz-se necessário estudar e refletir sobre alguns conceitos como o Negativo, Contrato Narcisista, Pacto Denegativo e Cripta que serão evidenciados neste estudo.

Summary: The present work has as objective a theoretical study on transgeneracionality, and will be exemplified by a clinical case. In the measure where this theory comes if expanding one becomes necessary to study and to reflect on some concepts as the Negative, Narcissists Contract, Pact Denegativo and Crypts that will be evidenced in this study

Descritores: Kaës, Berenstein, identificação, cripta e narcisismo.

Keywords: Kaës, Berenstein, identification, crypts and narcissism

---

<sup>1</sup> Trabalho de conclusão do III anos do Curso de Psicoterapia Psicanalítica, novembro de 2003, orientado pelo Dr. Juliano Fontanari.

<sup>2</sup> Psicóloga, Egressa do Curso de Psicoterapia Psicanalítica, Membro do ICPT.

## Transgeracionalidade

A transmissão psíquica geracional é um tema que vem sendo amplamente estudado atualmente. Juntamente com ela, também vem sendo alvo de reflexão e investigação a patologia vincular intersubjetiva. Segundo Correa (2001), todos nós somos portadores de uma herança genealógica que é fundadora de nossa vida psíquica a qual se processa no nível inconsciente e no espaço do grupo familiar. Em todas as etapas da vida se impõe ao sujeito a questão da herança genealógica e o sentimento de pertencer. O espaço por excelência deste processo é o grupo familiar onde se articulam diversos mecanismos de identificação, lugar de circulação dos conteúdos psíquicos. Para Berenstein, “Pertença” é o reconhecimento de que o indivíduo pertence a uma cultura, a uma família e marca um lugar de identidade que vem do contexto social. É um sentimento do outro de que “eu pertenço”.

Para Correa (2001):

*A palavra transmissão evoca uma representação de um começo e fim irreversíveis, espaço de passagem, da repetição, da transformação, de um dever que nos escapa. Nossa filiação a teoria psicanalítica nos remete a Freud ancestral genial que nomeia o inconsciente como ferramenta intangível de nosso trabalho de escuta e interpretação. (Correa, 2001, p 62).*

Freud, em Introdução ao Narcisismo (1914), já assinalava que em primeira instância quem estabelece que, para cada sujeito no início de sua vida, tal ser incipiente é possuidor de qualidades é a perspectiva de um outro, especialmente dos pais. O narcisismo tem a ver com esse momento em que são instauradas no sujeito, através do olhar de terceiros, essas qualidades que o definem para os outros e para si mesmo. Isso tudo é o fundamental do narcisismo para cada um de nós. Para ele (1914) existe uma continuidade da vida psíquica entre gerações e os diversos mecanismos de identificação em princípio ligados ao sintoma. Neste texto Freud destaca que o indivíduo é para si mesmo seu próprio fim e que ele está assujeitado a uma corrente geracional como elo de transmissão, sendo beneficiário e herdeiro do conjunto intersubjetivo. Em Totem e Tabu (1913), explicita que o tabu é o código não escrito mais antigo da humanidade, está vinculado a aquilo que é desejado e ao mesmo tempo proibido, ele é transmitido pela autoridade patriarcal e social: a proibição de matar o animal totêmico enquanto representante do pai. Para Freud (apud Correa), as vias de transmissão são a cultura e a tradição. Porém a transmissão direta por esta última não dá uma resposta a questão da continuidade da vida psíquica. Para que esta seja viável as disposições psíquicas herdadas deverão ser estimuladas por alguns acontecimentos da vida individual, ou seja, que a criança vem ao mundo com estruturas potenciais que serão ativadas nos vínculos intersubjetivos do meio familiar.

Granjon (2001), coloca que a questão da herança, daquilo que é adquirido ou daquilo que impõe a transmissão, no cerne da vida psíquica familiar e individual, está desde o momento originário, inscrito nas funções e nos fundamentos da psique de cada um de seus membros do grupo. A transmissão forçada, imposta para cada um desde seu nascimento, quaisquer que sejam as modalidades, faz da criança o elo de uma cadeia geracional e a destina a um lugar que lhe é oferecido pelo grupo que a acolhe. Herdeira daquilo que se teceu e daquilo que se calou nos laços da aliança de seus pais, a criança que se beneficia do investimento narcísico desses, assegura a continuidade do conjunto e adquire a possibilidade de sua própria subjetividade. É a este preço que ela poderá existir, constituir-se psiquicamente como sujeito do inconsciente e sujeito do grupo.

*O que é oferecido à criança, nos termos de contrato de vida, o que lhe é proposto, é um lugar a ocupar e uma carga a assumir, permitindo-lhe adquirir este lugar que a funda. (Granjon, 2001p. 28).*

A distância necessária para a individuação depende, assim, dos pactos inconscientes do grupo familiar sobre o que deve ser mantido escondido ou não pensado. É

um interdito grupal o berço psíquico em que o sujeito se desenvolve. Estes “continentes de negativos” são indispensáveis para que o sujeito advenha e se liberte, sempre permanecendo sujeito do grupo. Ainda segundo Granjon (2001), qualquer relação com a criança, desde o primeiro instante e durante toda sua evolução, está infiltrada de mensagens mais ou menos compreensíveis, algumas das quais não têm significação, inclusive para os pais. A criança é envolvida, mas também bombardeada com mensagens de todas as ordens. Algumas respondem à sua expectativa e a sua busca de sentido, outras assumirão sentido mais tarde, outras enfim, permanecendo enigmáticas, incompreensíveis, significantes enigmáticos que são impostos à criança e dos quais ela se torna depositária, herdeira forçada.

Para Correa (2001) existem sintomas ligados a formação das identificações e contratos intersubjetivos que garantem um espaço do desenvolvimento da subjetividade. Neste nível a autora inclui o contrato narcisista descrito por Piera Aulagnier (1975), como aquele que assegura a continuidade do investimento libidinal da autoconservação para cada sujeito e o conjunto (grupo social) do qual faz parte. Segundo Aulagnier, (1975) o contrato narcisista é o regulador do investimento do casal pela criança e da criança pelo casal. A relação entre o casal parental e a criança leva sempre o traço da relação do casal com o meio social que o cerca. Refere também que o discurso social projeta sobre o *infans* a mesma antecipação própria ao discurso parental; Bem antes do novo sujeito estar lá, o grupo pré investirá o lugar que ele supostamente ocupará, na esperança de que ele transmita, de forma idêntica, o modelo sócio cultural. O sujeito por sua vez, procura encontrar, neste discurso, referências que lhe permitam se projetar num futuro, a fim de que seu afastamento deste primeiro suporte, representado pelo casal parental, não se traduza pela perda de todo suporte identificatório.

Aulagnier (1975), refere que o conflito que pode existir entre o casal e o meio corre o risco de confirmar, para a psique infantil, a identidade entre o que ocorre na cena exterior e sua representação fantasmática de uma situação de rejeição, de exclusão, de agressão, de onipotência. A autora ainda coloca que o sujeito, ou o grupo aceita como verdadeiro um discurso que afirma o fundamento das leis que regem o funcionamento do grupo, a partir da definição e imposição da finalidade visada. Essas leis são consideradas como a tela de fundo que sustenta a representação que os sujeitos se fazem do meio ideal. O contrato narcisista se estabelece graças ao investimento do *infans* pelo meio, como voz futura que ocupará o lugar que lhe será designado dotando-o antecipadamente e por projeção do papel de sujeito do grupo. Ainda segundo Aulagnier (1975), o contrato narcisista tem como signatários a criança e o grupo. O investimento da criança pelo grupo antecipa o investimento do grupo pela criança. Com efeito, desde sua vinda ao mundo, o grupo investe o *Infans* enquanto voz futura, do qual será solicitado repetir os enunciados de uma voz morta e garantir assim a permanência qualitativa e quantitativa de um corpo que se auto-regenera de maneira contínua. Para a autora, o discurso do meio oferece ao sujeito uma certeza sobre a origem, necessária para que a dimensão histórica seja retroativamente projetável sobre seu passado, podendo ele, então, subtrair-se a uma referência, cujo saber materno ou paterno seria garantia exaustiva e suficiente. O acesso a uma historicidade é um fator essencial no processo identificatório; existe algo que não é comunicável naquilo que vivemos e experimentamos. Algo que é indizível e que é parte integrante de nossa experiência. (Aulagnier, 1999).

*Não há corpo sem sombra, como não há corpo psíquico sem esta história que é a sombra falada dele. Sombra protetora ou ameaçadora, benéfica ou maléfica, que protege com uma luz por demais crua ou que anuncia a tempestade, mas em todos os casos, sombra indispensável, pois sua perda implicaria na da vida sob todas as suas formas (AULAGNIER 1999).*

Para Abram e Torok (1976), o sujeito é conduzido a simbolizar em relação a um outro presente em si como objeto psíquico interno, sendo parasitada assim sua própria vida pulsional. As crianças se identificam com o psiquismo de um dos pais portador de uma

cripta. Esta formação foi definida por estes autores como produto de um luto impossível, comportando um conflito e uma dissociação do eu que se traduz em um segredo *encriptado* podendo esse ser vinculado a um prazer clandestino ou um sofrimento *inconfessável* decorrente de algum tipo de violência. Nesta dissociação egóica coexistem duas atitudes psíquicas perante a realidade que contraria uma exigência pulsional. É a partir do mecanismo de incorporação que se instala no seio do ego uma nova configuração psíquica, a cripta, representada pelo *enterro* ou pela conservação de uma experiência indizível no interior do psiquismo de um sujeito. O fantasma, que se origina a partir da cripta de uma outra pessoa, consiste na realidade vergonhosa ou no segredo de um ascendente, que o descendente carrega sem saber. Correa (2001) refere que o sujeito criptóforo é conduzido a simbolizar alguém presente inconscientemente em seu psiquismo sob a forma de um objeto interno que o parasita as custas de sua própria vida pulsional e o aliena de seu discurso singular. Para esses autores, o trauma guardado em silêncio, na medida em que não pode integrar-se ao funcionamento harmonioso da vida psíquica, bloqueia o trabalho espontâneo de introjeção, isto é, o processo de abertura e de alargamento das possibilidades criativas do sujeito. No caso da cripta, a tarefa do analista consiste em resgatar a palavra relegada ao silêncio de um discurso aparentemente descontínuo e incoerente.

Green (1990), nos traz o conceito de Negativo, que seria o estruturante do sujeito. Segundo ele, a transmissão geracional se dá pelo negativo, porque toda relação a dois implica um terceiro ausente. Este conceito pretende abarcar as operações que agem sobre a pulsão, a representação e a senso percepção e constituem o humano. E ainda, como o que é negado num sujeito e numa geração aparece num outro, em outra geração. É impossível a vida e a transmissão da experiência humana sem o negativo. Sistematiza o negativo como decorrente de três barreiras, três limites que definem quatro territórios, o limite entre o soma e a psique, barreira psicossomática onde, neste limite ficaria o inconsciente da primeira tópica; o pré-consciente; que separa o consciente do inconsciente e a barreira perceptual que separa a consciência do meio externo. As funções do negativo, que constituem estes limites são a repressão, a clivagem, a negativa, a rejeição. O negativo deve ser considerado não somente na relação com outro, porém em suas propriedades de difusão, de solicitação para o qual se apresenta como mesmo, de trocar seu ser, de fazê-lo virar ao contrário e deixar que lhe apareça o reverso cuja existência sequer suspeitava.

René Kaës (2001) nos traz o modelo de pacto de resistência a partir de pesquisas feitas sobre os laços intersubjetivos e propõe o conceito de pacto denegativo, que estaria relacionado a situações de luto nas famílias. O autor supõe que um certo pacto de desconhecimento (ou resistência) se conclui entre as gerações de tal forma que ninguém seja confrontado ao trabalho de luto. Entende-se por pacto denegativo, tudo aquilo que se impõe em todo o laço intersubjetivo para ser oferecido, em cada sujeito, do laço com os destinos do recalçamento ou da denegação, da recusa, da rejeição ou do enquistamento no espaço interno de um sujeito ou vários sujeitos. Esse acordo inconsciente sobre o inconsciente é imposto ou concluído com vários objetivos: para que o laço se organize e se mantenha em sua complementaridade de interesse; para que seja assegurada a continuidade dos investimentos e dos benefícios ligados a subsistência da função do Ideais, do contrato ou do pacto narcísico. O que está em jogo no laço, inclusive o custo psíquico que se convém pagar para que o laço se mantenha, é justamente isso que não poderia estar em questão entre aqueles que ele liga, em seu interesse mútuo, em virtude da dupla economia cruzada que rege as relações dos sujeitos singulares e da cadeia de que são membros. É nisso que o pacto denegativo aparece à mínima como a contraparte e o complemento do contrato narcísico.

Kaës ainda nos trás, que o pacto denegativo comporta, entretanto, duas polaridades: Uma é organizadora do laço e do conjunto intersubjetivo, a outra é defensiva. Cada conjunto particular se organiza positivamente sobre investimentos mútuos, sobre identificações comuns, sobre uma comunidade de ideais e de crenças, sobre um contrato narcísico, sobre modalidades toleráveis de realizações de desejos. Cada conjunto se organiza também negativamente sobre uma comunidade de renúncias e de sacrifícios, sobre um “deixado de lado” e sobre restos. O pacto denegativo contribui para essa dupla organização. Ele cria no

conjunto do não – significável, do não-transformável: zonas de silêncio, bolsões de intoxicação, espaços limpas ou linhas de fuga que mantêm o sujeito estrangeiro à sua própria história. Segundo Kaës, 2001:

*“Nos casais, nas famílias, nos grupos e nas instituições, as alianças, contratos e pactos inconscientes sustentam, principalmente, o destino do recalçamento e da repetição. (KAËS, 2001, p.46)”.*

Para exemplificar alguns conceitos vistos aqui trarei um caso clínico, que oferecerá a possibilidade de entendimento e reflexão da teoria exposta.

### **Sobre a clínica: Reflexões**

Mariana, como chamarei aqui é uma adolescente de 16 anos que chegou ao tratamento encaminhada pela escola. Já repetiu o primeiro ano do Ensino Médio. Agora no segundo ano está novamente sujeita a reprovação. A mãe, na primeira entrevista, relata que Mariana, além de ir mal nas matérias de matemática, física e química é muito introspectiva, não tem muitas amigas e não gosta muito de conversar com a família. Tem dois irmãos. Uma moça mais velha, que já casou e está grávida e um irmão de vinte e três anos, que está na faculdade e tem namorada. Os professores também referem que a paciente “tem alguma coisa estranha”, que não tem relação somente com a sua aprendizagem. Na primeira sessão com a mãe, esta refere que Mariana sempre foi meio quieta e que talvez suas dificuldades emocionais tenham relação com a morte de um tio, ou seja, o irmão de sua mãe. Ela descobriu que estava grávida de Mariana no dia do falecimento de seu irmão mais novo quando passou mal (enjoou) no leito do hospital. A mãe relata que a família já esperava o falecimento do irmão, pois este já lutava contra o Câncer há dois anos. Dois dias após a morte a mãe confirmou a gravidez de Mariana. A mãe refere que todos da família ficaram muito contentes, pois no meio de tanta tristeza uma notícia boa teria vindo para aliviar o sentimento de todos. A avó materna também ficou muito feliz, porque “perdera um filho, mas ganhará uma neta”. Os avós e a mãe costumam dizer à Mariana que ela veio em um momento muito importante, que veio preencher um vazio na família.

Pensando neste dizer da mãe podemos observar que Mariana está inserida no que Correa (2001) nos diz sobre o sujeito *criptóforo*, sujeito este que simboliza em relação a um outro presente em si como objeto psíquico interno. A paciente pode estar identificada com o psiquismo da mãe que na época do nascimento de Mariana ainda encontrava-se em processo de luto e seu olhar voltado ao irmão morto. Nas primeiras sessões Mariana tinha um olhar triste e acanhado, não falava muito e não olhava a terapeuta nos olhos. Geralmente ficava com a cabeça baixa. Além da dificuldade de relacionamento e na escola também apresentava dificuldade para dormir. Não possui amigos, além de uma colega de escola, que vem se afastando aos poucos e convive pouco com seus familiares. Segundo a mãe, a paciente não gosta muito de conversar. Mariana é de família Italiana. Os pais dela não a deixam sair muito, sempre apresentam alguma preocupação excessiva. A família representa ser muito unida e os pais parecem ter receio de que os filhos possam se afastar e se independizar, principalmente Mariana que é a filha mais nova, pois os outros dois filhos já criaram novos vínculos fora da família, ao contrario da paciente que vêem apresentando dificuldades em construir vínculos fora de sua família.

Nas primeiras sessões Mariana, quando falava, referia-se somente às suas notas como se o seu valor, enquanto pessoa estivesse vinculado a elas. Não sabia falar de outras coisas de sua vida. Quando questionada de algo, respondia sucintamente com um sim ou um não. Seguidamente falava *Não sei o que falar de mim*. O sentimento que a paciente passa é de vazio, de não ter um lugar definido enquanto sujeito que possui um psiquismo capaz de representações e simbolizações. Parece não ter representação psíquica, identificando-se apenas como notas de provas. Se pensarmos no lugar que Mariana está ocupando, ou na maneira em que foi investida pelo seu grupo familiar podemos levantar a

hipótese de que ela está no lugar do irmão morto da mãe. Todo indivíduo pertence a um contexto familiar e muito antes de nascer já é investido pela família e pela cultura.

Durante o nascimento e mesmo durante o período fetal, “mensagens” são dirigidas à criança, passando pela relação educativa, pelos cuidados, pelo modo de carregar e de se ocupar do bebê, mas também pela palavra, pela voz... E a criança *captadora vai tomar tudo que o que se apresenta* “. (GRANJON, 2001 P. 30)”. No caso de Mariana como esta família, pais, avós, tios sentiram sua chegada, num momento de tristeza como é a perda de um ente querido? Que mensagem foi passada à Mariana durante a gestação? Que lugar é este que Mariana ocupa na família, como ela sente a *responsabilidade* de ter vindo ocupar o lugar do tio morto?

Em uma sessão onde Mariana trás suas fotos de infância me mostra uma (de bebê) em especial, e conta que quando menor pensava que sua mãe tinha lhe colocado em um buraco para tirar a foto. A impressão que a paciente tinha é que estava dentro do buraco na hora da foto. Que buraco é este em que Mariana sentia estar? Seria o “buraco” de estar ali no meio de sua família para ocupar o lugar de outra pessoa e não poder ocupar o seu? Pensando em Mariana, enquanto sujeito pertencente a uma família e uma cultura. Remeto-me ao conceito de “Pertença” de Berenstein, que refere que todo indivíduo pertence a um contexto que marca um lugar de identidade que vem do contexto social. Parece que Mariana está vinculada a um lugar de não questionamento, de não existência. Em uma das sessões refere que desistiu de sair no final de semana por não ter lugar no carro para ela. Em outra ocasião novamente relata que não saiu, pois “chegou um tio de viagem” e sua mãe não poderia sair com ela. A presença do tio impede que ela saia, que procure alternativas ou soluções para situações novas, como se não tivesse lugar para ela no psiquismo da mãe, mas somente para o tio morto. Mariana parece sentir que não tem lugar para ela no psiquismo da mãe, mas sim para o tio.

Mariana não falava quase nada. Seu aparelho psíquico parecia estar impedido de pensar. No momento em que a terapeuta pergunta sobre o lugar que ela pensa ocupar na família e pergunta também se ela conhece a história do tio que faleceu o tratamento parece estar tomando um outro rumo. Mariana conta que a mãe sempre lhe diz que foi uma ótima notícia saber que estava grávida num momento tão difícil e que por várias vezes já se pegou pensando em como tratavam-na quando bebe, com que sabonete a lavavam, o que ela comia, entre outras perguntas sobre seus primeiros momentos de criança. Parece que estas perguntas abriram um espaço de pensar e permitiram que ela se questionasse sobre sua história vinculada com a história do tio. No momento em que Mariana traz a questão da curiosidade sobre seus primeiros momentos enquanto bebê penso também sobre sua dificuldade que tem de adormecer. Maldavsky diz que normalmente o dormir se relaciona com a autoconservação, mas que em alguns casos o adormecer ou não pode seguir outro propósito ligado a deixar-se morrer. Joyce McDolgall refere que as pessoas que sofrem de insônia tem que velar constantemente por seu self-lactante, para se assegurarem de que estão fora de perigo (MACDOLGALL, 1991 p.71). O bebê precisa de tranquilidade e de segurança para adormecer, ou seja, nos seus primeiros meses precisa de uma mãe protetora e tranquilizadora e ainda precisa renunciar a presença da mãe. Sendo assim, penso que a mãe de Mariana talvez não tenha consigo assegurar essa condição de função materna que consiste em qualquer circunstância proteger, provavelmente em decorrência de seu luto.

A condição de a paciente estar no lugar do tio morto e identificada com ele também pode lhe impedir o sono tranquilo. Não adormece por que precisa garantir que está viva. A partir desses questionamentos, Mariana começou a referir outras situações de sua vida, que não só suas notas. Refere a prima que foi morar junto com a família quando ela tinha dois anos, prima essa que é filha do tio falecido e que reside com eles até hoje. Mariana relata que sente que a prima não deveria estar ali, que ali não é o lugar dela, como se a prima tivesse tirado seu lugar e ela ficado com o lugar que deveria ser da prima. Segundo ela sua mãe sempre quis igualar a prima a ela, por que essa havia ficado órfã. Mariana conta em uma das sessões que além do tio que morreu de câncer, descobriu também que tinha uma tia, que ela não chegou a conhecer e que faleceu em um acidente trágico. Essa tia estava

com seu bebe no colo e os dois se afogaram. Mariana refere que todos de sua família acham-na muito parecida com essa tia e com sua avó paterna, também falecida. Existem situações traumáticas reais, como a morte de alguém, que não são reconhecidas nas famílias e que contribuem para formação de criptas no sujeito. Situações que não são faladas e acabam sendo impensadas. A morte do tio e a morte dessa tia não haviam sido pensadas pela paciente e não são lembradas e comentadas por sua família. O tratamento vem fazendo com que ela pense e se aproprie de sua história. Muitos dados de sua história e da história de seu grupo ainda irão aparecer no decorrer de seu tratamento. Mariana vem apropriando-se de sua história e tornando-se uma pessoa capaz de pensar, de nomear seus sentimentos, de sentir raiva, tristeza, inveja, ou, capaz simplesmente de sentir. Sair do lugar do morto para poder viver seu desejo, sua subjetividade.

### **Considerações finais**

O estudo sobre transgeracionalidade é um convite à reflexão sobre as exigências do trabalho psíquico imposto ao psiquismo pela sua inscrição no geracional e na intersubjetividade. Através do entendimento desta teoria percebemos o quanto é importante na clínica psicanalítica dominarmos a noção da família como criadora de um vínculo, de uma construção que se origina de um trabalho realizado entre dois ou mais sujeitos. O aparelho psíquico, durante sua constituição, sofre influência de um ou mais aparelhos psíquicos (mãe, pai, avós, etc...). O sujeito só se torna sujeito através do desejo de um outro ou do grupo em que está inserido. É um elo de uma cadeia e é herdeiro do que lhe é transmitido. Vem para ocupar um lugar, tem um “cargo” a assumir. A partir deste entendimento é essencial entendemos o sujeito como pertencente a uma família, a um contexto, a uma cultura e não como um ser individual. O que é transmitido para o sujeito geralmente são traços daquilo que se passou e que não pôde ser pensado pela família e que poderá estar sendo passado pelas gerações. Dessa forma, enquanto terapeutas devemos sempre estar atentos à multiplicidade de questões envolvidas na constituição de um aparelho psíquico e ir desvendando aos poucos a “malha” grupal do psiquismo no qual de apóia a construção da subjetividade.

### **Referências Bibliográficas**

- AULAGNIER, P. A Violência da Interpretação – Do pictograma ao Enunciado. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- CORREA, O. R. Os Avatares da Transmissão Psíquica Geracional. São Paulo: Escuta, 2001.
- FREUD, S. Sobre o narcisismo. Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. - / CD-ROM. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. Totem e Tabu. Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. - / CD-ROM. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GRAJON, E. A elaboração do tempo genealógico no espaço do tratamento da terapia familiar psicanalítica. Revista de Psicoterapia Psicanalítica de grupo, nº 22. 61-80, 1990.
- GREEN, A – Conferencias Brasileiras de André Green – Metapsicologia dos Limites, Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- KAËS, R. O grupo e o sujeito de grupo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- KAËS, R. – Transmissão da Vida Psíquica Entre Gerações. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1993/2001.
- MACDOGALL, J. Teatros do Corpo – O Psico-soma em Psicanálise. Martins Fontes, 1991.